



O comportamento cínico e parresiástico na contemporaneidade: os riscos da verdade insolente

Por GILMAR LOPES DIAS
OSMIR APARECIDO CRUZ
CARLOS ROBERTO DA SILVEIRA

gilmarlopesdias@gmail.com
osmir.cruz3291@gmail.com
carlosilveir@yahoo.com.br

Introdução:

“Procuro um homem autêntico,
alguém que não vive para as exterioridades,
mas é capaz de romper com as convenções,
reencontrando a sua genuína natureza,
coerente para viver de acordo com esta natureza”.

(DIÓGENES, *apud*, LIMA, 2012, p.145).

Em épocas que antecedem o período eleitoral, vemos surgir toda sorte de expressões individuais que, de uma maneira ou de outra, tentam atrair a atenção dos eleitores. Os candidatos a cargos políticos eletivos, geralmente se utilizam de estratégias retóricas, a fim de seduzir os sujeitos votantes e convencê-los de que suas propostas de governo são as melhores. Não é raro nessa mesma época vemos expressões de indignação, bem como o comportamento corajoso de pessoas, que se arriscam ao tentar denunciar que a retórica política, da maioria dos candidatos, não condiz com a sua prática, durante o exercício da gestão da coisa pública, após ser eleito.

É justamente sobre esse último tipo de expressão pública, daqueles que estando engajados politicamente com uma verdade, assumem os riscos de expressá-la coletivamente, de forma clara, franca e muitas vezes insolente, que gostaríamos de abordar no presente artigo. Trata-se de um modo agressivo de comportamento público, expressado originalmente pelos fundadores de um movimento filosófico da antiguidade grega, que ficou conhecido como cinismo.





O Cinismo, apesar de não ser considerado uma escola filosófica, foi uma das mais originais e influentes ramificações da tradição socrática da antiguidade, que surgiram no século IV a.C.. Tendo se caracterizado por um modo aplicado da filosofia, isto é, de prática filosófica na vida cotidiana, baseado numa moral sistemática, que tinha a proposta de libertar os indivíduos da angústia e guiá-los para a felicidade. O movimento se preocupou, desde o seu surgimento, com a expressão do pensamento por meio de uma prática diária, deixando de ter a mesma preocupação teórica das chamadas escolas filosóficas, a exemplo do estoicismo, do epicurismo e do ceticismo. Por este motivo, o cinismo ficou esquecido por um longo tempo e mantido na marginalidade, sendo que somente a partir do ano de 1975, já na contemporaneidade, é que o estudo Cinismo foi retomado e ganhou espaço e interesse enquanto movimento filosófico e cultural (BRANHAM & GOULET-GAZÉ, 2007).

Contudo, assim como aponta Lima (2012), não se pode confundir o sentido que atualmente é dado à da palavra “cínico”, com o sentido originalmente formulado por Antístenes, ainda na antiguidade grega. Nos dias de hoje, a palavra teria adquirido um sentido que remete a uma espécie de sabedoria que é utilizada para justificar ou legitimar a distância entre o que se pensa e a ação que realmente se toma. Sendo assim, o sentido contemporâneo, assumido para o termo, indica ainda uma espécie de despudor e imoralidade, mas num sentido totalmente diverso do original, pois o cinismo atual designa uma falta de comprometimento do sujeito com o seu próprio discurso.

O sentido original da palavra também remete ao despudor e à imoralidade, mas numa acepção mais radical e filosófica, antecipando um modo de vida autêntico e marcado por uma implicação entre comportamento e o discurso. Os Cínicos assumiam um modo simples de vida, semelhantemente a um cão que vive conforme a sua natureza, desprezando as convenções sociais, a opinião pública e as leis vigentes, com este ato denunciando os falsos valores assumidos como verdadeiros na sociedade de sua época (LIMA, 2012).

Nesse sentido, o movimento cínico da antiguidade se caracterizou não somente pelo seu falar franco, mas, sobretudo, pelo seu agir despudoradamente franco, como uma maneira de pôr à prova os falsos valores, demonstrando que somente uma vida simples pode trazer a verdadeira liberdade ao indivíduo e levá-lo à felicidade. O Cínico é, então, o homem do dizer





e do agir insolente, aquele que anuncia as coisas verdadeiras, não se deixando paralisar pelo medo. Essa liberdade de dizer tudo e a todos, consagrou-se com a democracia ateniense e passou a ser considerado um atributo essencial para o exercício da cidadania, isto é, a fala franca, também conhecida entre os gregos pela palavra *parresía* (GONÇALVES, 2013).

Considerando os aspectos anteriormente mencionados, pretende-se analisar, no contexto contemporâneo, o comportamento parresiástico de um cidadão que assume uma maneira insolentemente franca e agressiva para expor a sua verdade, isto é, como um Cínico da antiguidade em nosso tempo, denunciando corajosamente a realidade política da sua cidade. Trata-se de uma análise acerca da maneira inusitada, com que um determinado cidadão protesta, contra a maneira como o prefeito de uma pequena cidade do interior paulista, supostamente utiliza o bem público em benefício próprio.

Embora neste artigo não se esteja considerando a veridicção dos fatos que são objeto de protesto desse cidadão, considera-se a forma com que o protesto (em si mesmo) foi empreendido, como uma maneira de expressar a *parresía*. Uma vez que se utiliza de preceitos cínicos (como o de desfigurar a moeda) para atingir o seu objetivo, ou seja, ao revelar a verdade de uma maneira escandalosa, o cidadão não se deixa paralisar pelo medo das consequências que a sua ação poderá lhe trazer.

Como preceito fundamental para expressão da *parresía*, buscar-se-á demonstrar que o seu uso, no contexto democrático da contemporaneidade, pode se tornar perigoso para aquele que a exerce. Nesse sentido, nosso objetivo é discutir sobre a concretude da expressão do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade, à luz dos conceitos foucaultianos e outros, tomando como base o caso concreto já citado.

Por uma questão ética, buscou-se preservar a identidade do cidadão e o nome do município onde ocorreram os fatos ora analisados, por se considerar que tais dados em nada adicionariam ao presente estudo. Deste modo, buscar-se-á demonstrar o arriscado papel do parresiasta na contemporaneidade, pois ao fazer uso de um discurso franco, acaba adentrando em determinados campos de saber/poder. Tais campos se encontram sob o domínio de uma





dada governamentalidade, que acaba por limitar a expressão da subjetividade do parresiasta, enquanto cidadão que se quer livre.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a aplicação do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade, sob os preceitos do movimento filosófico da antiguidade, nem sempre encontram lugares privilegiados, podendo causar severas consequências e perigos para aqueles que deles se ocupam. Diante disso, perscrutaremos as seguintes perguntas: (1) é possível a existência de um comportamento cínico na atualidade? (2) por que o uso da *parresía* é difícil, improvável e tão perigoso na contemporaneidade?

Para tanto, nos apropriaremos de autores que tratam do tema, mas, sobretudo, de conceitos foucaultinos, para o desenvolvimento dos apontamentos e reflexões sobre a questão, dividindo este trabalho em três partes. Na primeira, desenvolveremos apropriações conceituais sobre o cinismo e da *parresía*, na segunda parte do trabalho, trabalharemos os conceitos da prática do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade e, por fim, a terceira parte aborda a atualidade da expressão cínica e parresiástica, na qual se analisa o “caso do boi”.

1. Apropriações conceituais sobre cinismo e *parresía*

O cinismo se liga à Filosofia da Antiguidade¹ e sua figura central é Diógenes², que com um bastão em mãos, uma sacola e uma túnica, associados ao seu modo de vida e princípios filosóficos³, influenciou quase um milênio na antiguidade, como também gerou uma notável

¹ Ao retratar a importância da Filosofia Antiga, Nietzsche afirma que os filósofos da antiguidade fizeram mais “para a humanidade do que todas as filosofias recentes tomadas em conjunto” (CARVALHO, 2012, p.10).

² Diógenes (404-323 a.C.) nasceu em Sinopse. Foi banqueiro e responsável por falsificar a moeda corrente da época, do qual lhe gerou a expulsão e exílio com família. Viveu por muitos anos em Atenas e morreu em Corinto. Foi discípulo de Antístenes (444-365 a.C.), a quem a tradição atrela a fundação do cinismo, dividindo Antístenes como fundador teórico e Diógenes como fundador prático (REALE, 2011, p. 23).

³ Sobre Diógenes, Reale (2011, p.24) afirma que “pronunciava caminhando com uma lanterna acesa em pleno dia, com evidente e provocadora ironia, queria significar exatamente isso: procuro o homem que viva segundo a sua mais autêntica essência, procuro o homem que, além de toda exterioridade, de todas as convenções ou de todas as regras impostas pela sociedade, e além do capricho do destino e da fortuna, reencontre a sua natureza genuína, viva em conformidade com ela e assim seja feliz [...]”.



produção intelectual⁴, que sobreviveu até à cultura clássica⁵. Essa produção intelectual associa Diógenes a um filósofo da ação e não apenas do discurso teórico, cuja prática cotidiana é “latir” contra todos e tudo, baseado numa ousadia para expor a contradição daqueles não viviam o que falavam, principalmente com questões relacionadas à moral e política. Para Lima (2012, p.145), esse modo de agir de Diógenes, deu “visibilidade a um estilo de vida supostamente autêntico, marcado pelo desprezo às convenções sociais, à opinião pública e à moral comumente admitida, e até o desprezo pelas leis existentes”.

A etimologia mais aceita para a palavra “cinismo” é a que associa Diógenes a um cão, isso devido a seu modo de vida assemelhar-se, sobremaneira, ao modo despudorado como vivem os cães⁶. Essa semelhança a um cão não era apenas comportamental, mas tinha também relação com os modos como os cínicos se expressavam verbalmente, utilizando-se de princípios metafóricos. De acordo com Branham e Goulet-Cazé (2007, p.15), os cínicos eram conhecidos por causa da sua franqueza, ou seja, por serem diretos naquilo que se propunham a falar ou a demonstrar.

Além do mais, os Cínicos viviam “despudoradamente indiferentes às normas sociais mais estabelecidas”, mostrando assim o seu desprezo deliberado à base da moralidade grega tradicional. Nesse sentido, Reale (2011, p.26) afirma que os cínicos tinham um “viver sem metas (sem as metas que a sociedade propõe como necessárias), sem necessidade de casa e

⁴ Reale (2011, p. 23) destaca que, apesar de serem atribuídos a Diógenes numerosos escritos como sendo de sua autoria, nenhum deles chegou até nós.

⁵ Branham e Goulet-Cazé (2007) destacam que o cinismo influenciou o pensamento de teóricos renascentistas como Wieland, Rousseau, Diderot e Nietzsche. Em se tratando do último, Carvalho (2012) propõe que Nietzsche não somente pensou sobre o cinismo, mas também “incorporou potencialidades” (p.3) da filosofia cínica, especialmente no que se refere ao seu arsenal de críticas em torno de valores morais, mostrando uma determinada atividade de crítica e superação dos valores correntes, através de uma formatação de um estilo retórico e literário diferente daquele que era adotado pela tradição filosófica. “No que tange à questão da crítica dos valores e à possibilidade de uma forma de vida filosófica, Nietzsche encontra no cinismo de Diógenes um aliado na luta contra os valores gregários e decadentes” (p.5).

⁶ Reale (2011, p. 26) afirma que entre o comportamento animal e o do homem, há um verdadeiro abismo: o da liberdade e da escolha, que torna o homem incomensurável quando comprado ao animal. É exatamente esse abismo, que torna o homem um animal capaz de interpelar a sociedade, de expô-la, dando-lhe capacidade de provocá-la. Dessa forma, natureza e liberdade estavam longe de estar em antítese e paradoxalmente coincidiam.



de morada fixa, e sem o conforto das comodidades oferecidas pelo progresso”, convivendo assim, nas bordas da moralidade posta.

Assim, o cinismo advoga para si os fundamentos de um movimento único de massa, entre as tradições intelectuais clássicas de sua época.⁷ Nesse sentido, Branham e Goulet-Cazé (2007, p.27) destacam que, “embora desapareça com a Antiguidade clássica, o cinismo como força ideológica e tradição literária teve uma notável sobrevida, e as suas consequências para a cultura ocidental estão apenas começando a ser compreendidas”.

Convém salientar que o cinismo se desenvolveu não somente como uma corrente filosófica,⁸ mas envolveu todo um discurso político, literário, religioso e moral, caracterizando-se por condições próprias, em que se destacava de forma provocante, desenvolvendo um eu natural, livre e autônomo, exercendo em muitos casos uma atração irresistível e, por vezes, indomesticável.

Envolvido num discurso político, literário, religioso e moral, o cinismo desenvolveu-se numa época em que a *pólis* tradicional grega começava dar sinais de decadência, sendo abalada, sobretudo, pelas conquistas do grande imperador Alexandre⁹, que acabaria por impor um modo de vida contrário aos preceitos filosóficos antigos. É nesse contexto que, o desejo cínico de se viver de uma maneira verdadeira, aos moldes como os cães vivem, desapegados de tudo e de todos, opunha-se ao modo de viver da aristocracia.

De forma direta, objetiva e insolente, sem rodeios e intermediários, a filosofia cínica propunha desfigurar¹⁰ o modo de vida aristocrático, de forma que suas contradições e incoerências se tomassem explícitas a todos. Com seus modos de se comportar direcionados para o desenvolvimento de uma “vida natural”, os cínicos contestavam aquele modo de vida

⁷ Branham e Goulet-Cazé (2007, p.26) trazem dados de que existiram mais de oitenta cínicos na idade clássica, fazendo uma espécie de popularização do movimento e provocando ansiedade e ultraje entre as elites cultas da época.

⁸ Para muitos filósofos, tais como Hipóboto, o cinismo era apenas um conjunto sistemático de crenças, visto apenas como um modo de vida (BRANHAM GOULET-CAZÉ, 2007, p. 33).

⁹ O termo “o grande”, serve-nos apenas enquanto referencial, para que associemos de que imperador estamos tratando (Alexandre).

¹⁰ O conceito de desfigurar está relacionado ao ato praticado por Diógenes em que “desfigura a moeda” (Reale (2011, p.23), visando um “falsificar a ordem da *pólis* (CHAVES, 2003, p.54).



considerado civilizado e que se fundamentava na moral (BRANHAM & GOULET-CAZÉ, 2007, p. 34-38). Por meio de uma linguagem muito mais prática do que teórica, defendiam reconhecidamente as seguintes proposições:

1. A felicidade é viver de acordo com a natureza.
2. A felicidade é algo disponível para qualquer pessoa disposta a se dedicar a um treinamento físico e mental suficiente.
3. A essência da felicidade é o autodomínio, que se manifesta na capacidade de viver feliz mesmo nas circunstâncias mais seriamente adversas.
4. Autodomínio é equivalente a, ou envolve, um caráter virtuoso.
5. A pessoa feliz, assim entendida, é a única pessoa verdadeiramente sábia, nobre e livre.
6. As coisas convencionalmente julgadas necessárias para a felicidade, como riqueza, fama e poder político, não têm nenhum valor na natureza.
7. Os principais impedimentos à felicidade são falsos juízos de valor, juntamente com as perturbações mentais e o caráter vicioso que derivam esses juízos falsos (BRANHAM & GOULET-CAZÉ, 2007, p. 41).

Segundo Reale (2011, p.24-25), tais proposições infringiam a imagem do homem grego clássico, bem como àquilo que se considerava enquanto ideal para o homem grego, dessa forma, o cinismo se tornava a mais “anticultural” das filosofias que a Grécia e o Ocidente conheceram. Portanto, serem “corajosos atrevidos, insolentes, infames” (CHAVES, 2013, p.41), era aquilo que os cínicos se propunham. Nesse sentido, Carvalho (MOREIRA, 2007, apud, CARVALHO, 2012, p.5) propõe que o lema era “*cave canem*”, cuidado com o cão, pois ele morde e sua mordida é uma forma cínica de “criticar a *décadence* de seu tempo e denunciar a disseminação das valorações *décadents* nos aparentemente mais apartados ramos do conhecimento, das artes à ciência, da gramática às teorias políticas”.

Dessa forma, a filosofia cínica, além das suas características específicas de comportamento, e de sua teoria filosófica, estava ancorado num núcleo duro, marcado por



um determinado uso da fala, baseado numa franqueza rude e áspera, além de provocadora, a chamada de *parresía*.¹¹

O cínico diz o que pensa a todos, e até mesmo do modo mais cáustico, sem nenhuma discriminação, quer se trate de um simples homem comum, de um famoso filósofo, de um rei poderoso: conhecidíssimas na antiguidade foram as suas mordazes respostas a Platão, a Filipe e ao grande Alexandre (REALE, 2011, p.27).

Esse modo cínico de ser e de viver, segundo Lima (2012, p.148-149), passava por cima da ética pré-estabelecida (ética socrática), em que a pessoa se esforçava para o exercício das virtudes postas, tais como o respeito, a prudência, a humildade, etc. Voltava-se para uma ética da natureza, buscando um ser libertário e não moralista, no qual a *parresía* se tornará uma das ferramentas essenciais para sua existência.

Sobre a *parresía*, Carvalho (2012, p. 9) destaca que ela é a liberdade de fala, na qual o cínico reivindica para si, incidindo diretamente na relação com autoridades e poderes devidamente instituídos. Isso tudo porque, no uso da *parresía*, o falante enuncia uma verdade que constitui uma convicção pessoal (que ele acredita¹²), e que pode se tornar um perigo para si, ou mesmo um risco de vida, isso porque, segundo Gros (2004, p.156), o parresiasta “fala em seu próprio nome e seu discurso refere-se a uma situação atual, singular. Seu lugar natural é a praça pública e ele, por fim, leva a relação com o outro à extrema tensão da ruptura possível”, colocando-o assim em evidência.

¹¹ Reale (2011, p. 27) define a *parresía* como uma liberdade da palavra, de forma que se possa dizer o que pensa a todos, até mesmo do mais caustico, sem discriminação, quer se trate de uma pessoa tida com muitos poderes, ou mesmo à um simples homem comum. Nesse mesmo direcionamento, Gros (2004), citando Michel Foucault a define como um “falar francamente”, “dizer a verdade”, “coragem da verdade” (p. 155). Para ele, a *parresía* é a devolução ao cidadão bem nascido do privilégio de tomar a palavra, de usar do franco falar, de exercer uma ascendência sobre os outros” (p.159). Cabe destacar que a *parresía* grega, difere da *parresía* moderna, pois enquanto que a *parresía* moderna (cartesiana) desenvolve-se numa evidência mental, a *parresía* grega desenvolve-se numa atividade verbal, a saber, a própria *parresía* (FOUCAULT, 2013, p.5).

¹² A grande diferença entre a *parresía* e a retórica é justamente a passividade do acreditar do falante parresiasta naquilo que se anuncia, pois enquanto que o parresiasta tem o problema de acreditar no que fala, o retórico tem o problema fazer acreditar, ou seja, “a passagem da convicção à persuasão” (GROS, 2004, p.157). Ao definir a retórica, Foucault (2014) destaca ela permite ao que fala, dizer alguma coisa, que talvez não seja em absoluto aquilo que acredita, aquele que fala. Nesse sentido destaca: “o bom retórico, o bom rétor é o homem que pode perfeitamente e é capaz de dizer algo totalmente diferente do que sabe, totalmente diferente do que crê, totalmente diferente do que pensa, mas dizer de tal maneira que, no fim das contas, o que dirá, será, se tornará o que pensam, o que creem e o que creem saber aqueles a quem endereçou. Na retórica não há vínculo entre aquele que fala e o que ele diz [...], (p.14).



Portanto, o uso da *parresía*, pode estabelecer uma relação de conflito, isso porque segundo Foucault (2014), ela esta associada a uma série de riscos:

Ele arrisca a relação com aquele a quem se dirige. E dizendo a verdade, longe de estabelecer esse vínculo, vínculo esse que é o do saber comum, de herança, de filiação, de reconhecimento, de amizade, pode ao contrário provocar sua cólera, indispor-se com o inimigo, suscitar a hostilidade da cidade [...] E, nesse risco, pode expor sua própria vida, pois ele pode pagar com a existência a verdade que disse [...]. O dizer-a-verdade do parresiasta assume os riscos da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte (p. 24).

Esse risco ainda aumenta quando o parresiásta se implica numa ética que, por meio de questionamentos e contrariedades, traz à tona as verdades que, estando associadas às questões éticas e morais que são postas à prova, podem gerar conflitos e contradições, pelo fato de se opor à vontade de outros. Nesse sentido, Foucault (2014, p.51) destaca que “a democracia não é o lugar privilegiado da *parresía*, é, ao contrario, o lugar no qual [o exercício] da *parresía* é mais difícil”, pois nela todos têm o direito à fala franca. Portanto, o espaço democrático, será sempre um espaço de tensões, pois nele a *parresía* provocará verdades individuais, que atravessarão outras verdades, ora chocando-se, ora conformando-se.

Essa tensão do espaço democrático¹³ é vista como um perigo, pois nesse espaço todos podem fazer uso da *parresía* de igual modo. “Na democracia, a *parresia* é uma latitude [concedida] a cada um de dizer, o que é conforme a sua vontade particular, o que lhe permite satisfazer seus interesses e paixões” (FOUCAULT, 2014, p. 33). Assim, passa a ser não mais privilégio de um, mas de todos. Portanto, nesse jogo democrático, sempre que um parresiásta faz uso da fala franca, ele incorre em risco e em perigo, comprometendo sua própria segurança. Nem sempre esse risco é de vida, mas também pode ser um risco ideológico, político, etc.. Portanto, a *parresía* está ligada à coragem do parresiásta diante do risco e do perigo, que o faz tomar decisões em contrassenso ou mesmo em consonância consigo próprio, seja afirmando ou reafirmando verdades anteriormente postas por si.

A esse respeito, Foucault (2013, p. 7) destaca que,

Quando se aceita o jogo parrhesiastico no qual a própria vida está exposta, se está começando uma relação específica consigo mesmo: arrisca-se a morrer ao dizer a verdade ao invés de

¹³ Foucault (2014, p. 33) usa o termo “cidade”.



repousar na segurança de uma vida na qual a verdade permanece não dita. É claro, a ameaça de morte vem do Outro, e por isso se exige uma relação consigo mesmo: ele prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso para consigo mesmo.

Para resumir, a *parresía* é um tipo de atividade que se desenvolve por meio da fala, por meio da qual o falante tem uma aproximação específica com a verdade, através de uma fala franca e direta, levando ao convencimento do outro a partir de uma verdade que é falada, mas que, sobretudo, é assumida como um modo de vida, o que leva o parresiasta a se expor ao risco e ao perigo.

2. A prática do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade

Comumente o cinismo e a *parresía* são vistos, por muitos, apenas como teorias filosóficas e idealistas da tradição socrática da antiguidade. Não é comum encontrarmos condutas de enfrentamento buscando uma dada ruptura para com a governamentalidade, visando uma determinada ética da verdade¹⁴. Para Foucault (2014, p.110), a busca dessa ética da verdade acontece quando o sujeito se estabelece numa ruptura com o mundo sensível, do interesse e do prazer, que o levará a uma “catártica”, constituindo-o como um sujeito de verdade, capaz de ver e dizer a verdade. Portanto, essa vontade de verdade está associada a um cuidado de si (*epimeleia*)¹⁵, que busca uma maneira de viver e que projeta-se no viver do outro e para isso, se utiliza da *parresía* para expor seu ato de fala, pois ela [a *parresia*] “é o signo sob o qual vai se desenrolar todo o diálogo” (FOUCAULT, 2014, p. 115).

Como exemplo prático do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade, destacamos o caso do cínico parresiásta que passaremos a analisar no presente artigo. Ao assumir uma postura cínica, o sujeito se utiliza da *parresía* para desfigurar a ordem moral estabelecida no seu município, expondo as condições políticas que estariam ocultas e silenciadas. Quando destaca um objeto de protesto, fazendo alusão a uma vaca, denotando as irregularidades que

¹⁴ Apropriamo-nos dos conceitos foucaultianos que trata a ética da verdade como o encontro do sujeito com as condições morais, possibilitando ter acesso a verdade e dizer a verdade (FOUCAULT, 2014, p.110).

¹⁵ A par dos conceitos foucaultianos, esse cuidado de si, não se trata da alma, mas sim do da vida (*bios*), ou seja, da maneira de viver (FOUCAULT, 2014, p.111).



há oito vinham acontecendo em seu município e que algumas pessoas estavam se beneficiando.

No entanto, o uso do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade, pode encontrar-se sob um dado perigo, por conta de adentrar em determinados campos de saber/poder, que acaba por limitar a expressão da subjetividade do *parresiásta*, enquanto um cidadão que busca ser livre. Essa realidade é próprio cinismo, pois para Foucault (2014, p.178) “o cínico é alguém que está verdadeiramente às margens da sociedade e circula em torno da própria sociedade sem que se possa aceita-lo e recebê-lo”.

Essa maneira de viver do cínico *parresiásta* não se trata simplesmente de uma opção de vida, mas sim de modo de viver autêntico, que encontra no dizer a verdade, o ponto de emergência para a própria vida, sob uma forma de manifestação da sua existência (FOUCAULT, 2014, p.191). Nesse sentido, o perigo é eminente ao *parresiásta*, pois é notável que o uso da *parresía*, em certos casos, pode conduzir a situações graves e ameaçadoras, como é o caso do *parresiásta* em questão, que por causa da sua manifestação insolente, foi obrigado a se distanciar de suas atividades rotineiras no município.

O uso do cinismo e da *parresía* na contemporaneidade, infringe em muitos casos a imagem do homem contemporâneo, por afrontar questões éticas e morais em muitas ocasiões. Nesse sentido, essas afrontas causam grande espanto e muitas reações violetas contra aqueles que as motivam, isso porque, segundo Lima (ZIZEK, 2010 *apud* LIMA, 2012) “vivemos tempos de cínicos” (p.144). Tempos nos quais a estética não dialoga com a ética/moral, por conta de um “individualismo cínico” atrevido, em que justifica o certo pelo errado ou vice versa, gerando assim um “cinismo como ingrediente da cultura narcisista contemporânea” (p.149).¹⁶

É exatamente isso que percebemos no movimento empreitado pelo cidadão analisado no presente texto, um *parresiásta* que se utiliza de um monumento para protestar contra medidas

¹⁶ Lima (2012, p.151) destaca que o último grande movimento social cínico ‘apolítico’, de origem diogeano, foi o movimento *Hippie* dos anos 70.



supostamente corruptas, que eram adotadas por uma determinada municipalidade. Assim, afronta todo um sistema de governamentalidade e, como medida contrária ao seu protesto parresiástico, justificada por uma determinada legalidade, tem seu objeto de protesto retirado de forma violenta, além da imposição de uma multa, por estar ocupando um espaço público que, teoricamente, não teria a devida autorização.

Além do mais, tal sujeito foi qualificado num boletim de ocorrência criminal, acusado de injúria e difamação, crimes esses diretamente ligados às questões éticas e morais. Portanto, percebemos nesses atos, a presença viva dos preceitos cínicos na contemporaneidade, bem como o uso da parresía. Mas o que faz com que esse homem possa ser reconhecido como um parresiásta? Segundo Foucault (2014, p.12 e 13), a *parresía* pode ser manifestada através das seguintes condições:

1. Demonstração de existência de um “vínculo” entre a verdade dita e o pensamento do falante.
2. Presença de um “questionamento” do vínculo entre o falante e aquele a quem a verdade é endereçada.
3. Apresentação de uma ação de “coragem” do falante, manifestado na aleturgia.
4. Previsão um “risco” de romper a relação entre falante e o outro a quem a verdade é endereçada.
5. Existência de um “jogo parresiático”, consequência dos itens anteriores, onde a verdade pode ou não ser aceita e ouvida.

Portanto, quando estes itens se somam, temos a presença de parresiásta, que está sujeito às ações de uma determinada governamentalidade que, ao utilizar os dispositivos de controle de que dispõe, constrói um saber/poder capaz de desqualificar quaisquer ações insolentes, contrárias aos seus interesses.

3. Atualidade da expressão cínica e parresiástica: o caso do boi

Estudando o cinismo na antiguidade, surgiu o questionamento sobre a possibilidade de se verificar, na contemporaneidade, a existência de algum tipo de comportamento ou expressão que, utilizando do preceito cínico: “desfigurar a moeda”, pudesse expor de maneira



escandalosa e insolente algum falso valor, assumido como verdadeiro. Foi nesse sentido que se verificou a divulgação jornalística de uma ocorrência policial, envolvendo um cidadão de uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo que, ao ser acusado de difamar a imagem do prefeito da sua cidade, foi preso pela polícia e acusado de crime atentatório da moral.

Trata-se de um autêntico caso de expressão cínica contemporânea, aos moldes do comportamento de Diógenes que, na antiga Grécia, foi acusado de alterar a efígie da moeda de sua cidade e expor o verdadeiro valor do metal. No caso ora analisado e de certa maneira diferentemente de Diógenes, o cidadão não alterou a moeda corrente, mas tratou de construir a sua própria ferramenta, a fim de expor os valores assumidos pela administração de seu município, considerados por este cidadão como imorais.

Vivemos um momento em que a corrupção parece ter se generalizado em nossa sociedade, tornando-se algo estrutural em nossos relacionamentos políticos, sobretudo naqueles que envolvem a administração da coisa pública. Veem-se diariamente os meios de comunicação divulgar casos em que políticos se apropriam da maquinaria pública, para desenvolver projetos que não visam o bem comum, mas a satisfação de interesses particulares, de maneira que o próprio administrador se beneficie com as suas decisões de gestão.

A possibilidade de reeleição de políticos que agem desta maneira, permitida pela legislação eleitoral brasileira, condiciona uma espécie de perpetuação da corrupção e do mau uso dos recursos públicos, fazendo com que uma grande parcela da população fique descontente com tais ações. Embora insatisfeitos com a forma com que é conduzida a política nacional, muitos brasileiros deixam de expressar esse descontentamento, com o receio de ver a sua *parresía* criminalizada, pelo aparato policial e jurídico que acaba por proteger nossos políticos.

No intuito de denunciar esse contexto sócio-político em que vivemos atualmente, permeado pela corrupção e pelo interesse privado, que o cidadão acima mencionado resolveu construir o seu objeto de protesto. Trata-se de uma construção artística inusitada, que busca expor de maneira escandalosa os interesses particulares, que permeiam as ações políticas dos



administradores de sua cidade. O sujeito utilizou um carrinho de supermercado, a cabeça empalhada e o “rabo” de um boi, um cobertor com estampa semelhante à de um couro bovino, para construir o seu monumento de protesto, isto é, um simulacro de “vaca”.

Assim como o cínico da antiguidade, o local escolhido pelo cidadão para proferir seu protesto, foi a *ágora* pública, ou seja, a praça central de sua cidade. O objeto escolhido como monumento: a vaca simboliza a máquina pública, da qual a maioria de nossos políticos, atualmente, deseja retirar os benefícios que atendam aos seus interesses particulares. Num sentido conotativo, a “vaca” do protesto simboliza um animal capaz de gerar lucro e riqueza, pois além de fornecer a carne para o consumo humano, é capaz de se manter viva e fornecer o seu leite, que serve tanto de alimento nutritivo para os seus bezerros, como para o ser humano. Tanto a carne como o leite são fontes de riqueza econômica, pois podem ser comercializados e transformados em capital financeiro.

Utilizando desses aspectos simbólicos relacionados à “vaca”, o sujeito buscou representar a máquina pública, que é uma entidade quase viva e detentora dos recursos econômicos que se obtém por meio dos impostos e taxas. Sendo assim, o manejo (administração ou gerenciamento) da “vaca” (máquina administrativa) é disputado no campo político. O local por onde o leite é retirado da vaca, ou seja, suas “tetas”, simbolicamente representam os cargos públicos ocupados pelos políticos, que são eleitos para administrar os recursos econômicos do Estado. Desta maneira, no atual contexto em que a corrupção se generaliza estruturalmente na política, a eleição para um cargo político passa, muitas vezes, a ser vista como uma forma de se ter acesso aos recursos públicos, para utilizá-los em benefício particular.

Além disso, cada político eleito tem, como prerrogativa legal, indicar uma quantidade enorme de assessores e auxiliares que, também numa visão conotativa, representam um conjunto de pessoas que se comparam aos bezerros, que sugam o leite da vaca (a máquina pública). Neste contexto, aqueles que se beneficiam dos recursos públicos, utilizam-se de todos os meios possíveis para manterem essa condição, o que é garantido, por meio da reeleição daqueles políticos que já se encontravam investidos em tais cargos e,



consequentemente, pela continuidade de seus auxiliares e assessores como empregados públicos.

É justamente esse contexto político, ou seja, o valor da “moeda política” da atualidade, que o cidadão da pequena cidade paulista tentou desfigurar, expondo de maneira escandalosa e insolente a realidade política por meio do seu protesto. Embora não tenha utilizado o seu próprio corpo para expressar a *parresía*, lançou mão de uma construção escandalosa, como meio para desfigurar a moeda. O objeto, utilizado pelo cidadão para protestar em praça pública, está representado na Figura 1 a seguir, na qual se pode observar um boi, no qual se fixou em seu lado esquerdo um cartaz, contendo a seguinte frase: “8 anos, a teta está secando”.



Figura 1 – Vaca representando a máquina pública

O conjunto da obra, composta pela vaca e a inscrição que foi colocada no seu corpo, representam a “verdade” política que o seu autor pretendia expor, isto é, que existe um grupo de pessoas que vem se beneficiando da máquina pública há oito anos. A primeira parte da frase torna explícito que, a prefeitura da cidade vem sendo administrada pelo mesmo grupo político, por dois mandatos consecutivos (8 anos), o que possibilitou a esse grupo obter benefícios particulares com os cargos ocupados. Os oito anos à frente da administração do município são vistos pelo cidadão, como um período em que o grupo pode se beneficiar com o cargo ocupado, pois a expressão “mamando” indica uma posição de alguém que está sugando a máquina pública, ou seja, extorquindo os recursos públicos.



A segunda parte da frase oferece uma denúncia do comprometimento dos recursos públicos com projetos que não beneficiam a população como um todo, ou seja, a expressão “a teta tá secando” indica que os recursos (o leite) são escassos e estão chegando ao fim. Indica também que o povo não se deixará mais enganar e, nas próximas eleições que estavam por acontecer, o grupo não continuaria mais no poder, pois os eleitores do município não mais os elegeriam como seus representantes e, com isso, a teta secaria para eles.

O grupo, que se encontrava há oito anos na administração do município, é acusado de consumir indevidamente os recursos públicos, de maneira que a receita da prefeitura (a vaca) estava entrando colapso, ou seja, pelo fato desses sujeitos estarem “sugando” em demasia as tetas da vaca, que estavam a ponto de secar, a própria vaca (prefeitura) não conseguia engordar. Esse era o fato que o cidadão desejava denunciar, quando expôs outro cartaz, com a seguinte frase: “para de mamar, quero engordar”, conforme se pode verificar na Figura 2 a seguir.



Figura 2 – A vaca não consegue engordar

Essas duas figuras, que foram retiradas das reportagens divulgadas pela mídia eletrônica, veiculando a prisão do autor dessa façanha, por um lado expressa um modo contemporâneo de se falar francamente e sem rodeios, ou seja, de se realizar a *parresía*. Por outro lado, caracteriza-se como uma expressão cínica contemporânea, por meio da qual o seu autor



pretende desfigurar a moeda política e apresentá-la sem a sua efigie, o que acaba por transformar o valor fictício no seu real valor. Por meio dessa construção escandalosa, o autor expõe os modos distorcidos de se fazer política nos dias de hoje, em que os dirigentes da máquina pública não estão preocupados com a melhor gestão dos recursos, visando o bem comum.

As imagens deixam evidente que o cidadão, não se conforma em ver os escassos recursos financeiros de que o seu município dispõe e que são arrecadados por meio da elevada carga tributária, paga por duras penas por ele e pelos seus concidadãos, aplicados em áreas de interesse privado. Tal ação teve também como objetivo, fazer com que os demais habitantes da cidade tomassem consciência da má gestão dos recursos públicos, evitando que tal situação se perpetuasse por mais quatro anos, pois o grupo poderia obter uma nova reeleição e continuar nos cargos que ocupavam.

O fato do cidadão ser preso, por conta da sua manifestação pública, contrária à moral estabelecida entre os agentes políticos que administravam seu município, demonstra que, embora se viva numa sociedade que se diz democrática, não há espaço para o exercício da *parresía*. Na democracia, a fala franca e sem rodeios pode ferir interesses particulares, expondo aqueles “regimes de verdade” que são construídos para a manutenção do *status quo* e encobrir a realidade. Verifica-se que expressões típicas do movimento cínico da antiguidade, embora ainda presentes na atualidade, são constantemente abafadas e marginalizadas, pois o verdadeiro valor das coisas precisa ser desvirtuado e não pode ser revelado. Qualquer que seja o desejo de se expor esse valor verdadeiro, haverá todo um aparato de saber-poder que se colocará contra o parresiasta, todo um aparato policial e jurídico, que controla o que pode e do que não pode ser dito, será utilizado para marginalizá-lo e criminalizá-lo.

4. Considerações finais

O movimento cínico nasceu na antiguidade, num momento em que os valores democráticos estavam entrando em colapso, a partir da emergência do grande império de Alexandre (O Grande). Assim, o cinismo surgiu para expor, de uma maneira escandalosa, os





falsos valores que eram estabelecidos como verdadeiros, mas que em nada serviam para que o homem pudesse viver uma vida desapegada de tudo aquilo que o impedia de ser alguém realmente livre.

Atualmente vivemos o momento no qual as falsas verdades continuam a nos rodear, sendo a corrupção uma espécie de verdade que se instalou em nossos relacionamentos cotidianos e, sobretudo nas relações políticas. Verifica-se contemporaneamente uma espécie de inversão de valores, em que a atitude de não se deixar corromper, parece ser um contra-senso, pois se verifica que o popular “se dar bem”, passou a ser algo que é extremamente valorizado.

Contudo, verifica-se casos raros em que um cidadão qualquer não aceita tais “verdades”, tentando demonstrar que esse não é o comportamento que se espera de alguém para viver em sociedade. Analisou-se o caso de um cidadão de uma pequena cidade do interior paulista que, não satisfeito com a maneira com que o prefeito e a equipe administrativa de sua cidade vinham tratando a coisa pública, resolveu protestar. Analisou-se esse protesto como um caso de expressão cínica na contemporaneidade, no qual o cidadão faz uso do seu direito democrático à *parresía*.

Foi possível de se constatar aquilo que Foucault (2014) já nos advertia, de que não há espaço para a *parresía* numa sociedade democrática, pois todos têm o direito de dizer o que bem entendem. O parresiasta assume riscos ao expressar as suas verdades, ao desfigurar a moeda, como se pode verificar no caso da expressão cínica, do sujeito analisado neste artigo, que acabou sendo preso e acusado de difamar o prefeito da sua cidade. Por meio de uma expressão escandalosa, o sujeito conseguiu levar a sua mensagem, desfigurando a moeda política corrente, mostrando que os interesses particulares dos governantes estão acima do interesse público.

Desta maneira, verificou-se que o discurso cínico, por meio da *parresía*, torna-se uma tarefa difícil, perigosa e quase improvável, pois ao se expressar de maneira franca, escandalosa e insolente, o Cínico acaba por expor verdades que, muitas vezes, não devem ser ditas. Tais verdades acabam por ferir interesses, ao expor outros regimes de verdade que, nem sempre estão comprometidos com o bem comum. Desta maneira, ao adentrar em



determinados campos de saber/poder, que se encontram sob o domínio da governamentalidade política, o sujeito assume riscos incalculáveis.

Referências

BRANHAM, R. Bracht; GOULET-CAZÉ, Marie-Odile (Org.). Os Cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado. In: **A Tradição Socrática: Diógenes, Crates e a Ética Helenística**. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

BRANHAM, R. Bracht; GOULETCAZÉ, Marie-Odile (Org.). Os Cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado. In: **Introdução Cinismo**. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

CARVALHO, Daniel Felipe. **Nietzsche e a lanterna de Diógenes**. Artefilosofia, Ouro Preto, n.13, dezembro 2012.

CHAVES, Ermani. Michel Foucault e a verdade cínica. In: **Corajosos, atrevidos, insolentes, infames**. Campinas: Editora PHI, 2013.

FOUCAULT, M. **A coragem da Verdade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014 (p.3-30).

FOUCAULT, Michel. **1ª Conferência, O significado da Parrhesía**. Revista de Filosofia Prometeus, UFS, Ano 6- Nº 13, 2013.

GONÇALVES, Brener Alexandre. Algumas considerações sobre a parrhesía em Foucault. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**. v. 4, nº 1, 2013 (p. 87-95).

GROS, Frédéric (org). Foucault a coragem da verdade. In: **A parrhesía em Foucault (1982-1984)**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

KOHAN, Walter Omar; GONDRA José (Org.). Foucault 80 anos. In: **Reabilitação da concepção de Filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Raymundo. **A mordida dos cínicos**. Revista Espaço Acadêmico. Nº 129, fevereiro, ano XI. UEM: 2012.



REALE, Giovanni. História da Filosofia Grega e Romana. In: **Os Desenvolvimentos das Escolas Socráticas Menores e as Razões de seu Declínio e Desaparecimento**. Volume V, Filosofia Helenísticas e Epicurismo. Editora Loyola.

SILVEIRA, Carlos Roberto. **A Educação Socrática como “Modo de Vida”**: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro. Revista Horizontes, EDUSF. v. 32, n. 2, jul./dez.2014.

